

GÊNESE E EVOLUÇÃO
DE UM CENTRO PRODUTOR TÊXTIL.
A INDÚSTRIA DE LANIFÍCIOS EM CASTANHEIRA
DE PÊRA

IVA PIRES

1. *BREVE CARACTERIZAÇÃO DO CONCELHO*

Castanheira de Pêra situa-se no extremo nordeste do distrito de Leiria, é sede de concelho desde 1914, integrando-se, antes desta data, no concelho de Pedrógão Grande. Tem apenas 67 km² de superfície e é constituído por duas freguesias, S. Domingos e Coentral, com dimensões muito desiguais, já que na primeira se concentravam, em 1981, mais de 95 % dos 5137 residentes no concelho.

Considerando, muito brevemente, a evolução da população (quadro 1), poderão delinear-se três momentos:

- de 1864 a 1950, em que essa evolução é francamente positiva;
- os anos 60 e 70, na sequência directa da vaga emigratória em direcção à Europa, nos quais a população diminui;
- recentemente, retoma-se a evolução positiva, embora não se atinjam os valores de 1950.

Quanto à distribuição da população por sectores de actividade (quadro 2), destaca-se o sector secundário, contrastando com a fraca representatividade do primário. Ela fica a dever-se à reduzida capacidade de aproveitamento do solo para a agri-

QUADRO 1

Evolução da população residente do concelho

	1864	1950	1960	1970	1981	Variação da população		
						1864/50	1950/70	1970/81
Castanheira de Pêra	3972	6330	5739	4660	5137	+ 59.3	- 26.4	+ 10.2

Fonte: X, XI e XII Recenseamento Geral da População, INE, 1960, 1970 e 1981.

QUADRO 2

População activa por sectores de actividade no concelho

	I		II		III		Total pop. activa	Taxa de actividade
	V. A.	%	V. A.	%	V. A.	%		
1970	200	12	1265	73	260	15	1725	38
1981	128	7	1262	72	376	21	1766	34.4

Fonte: XI e XII Recenseamento Geral da População, INE, 1970 e 1981.

cultura ⁽¹⁾, em consequência das características físicas (terreno declivoso), assim como à pequena dimensão média das explorações, situação que é agravada por um elevado fraccionamento (em média 9 blocos por exploração), não permitindo senão a prática de uma agricultura de subsistência (quadro 3).

Com efeito, são largamente dominantes as pequenas explorações (89 % têm menos de 3 ha), apesar de a grande propriedade não estar completamente ausente deste concelho. No entanto, a nossa atenção centrar-se-á naquelas explorações de reduzidas dimensões, consideradas como rendimento comple-

⁽¹⁾ «A área com aptidão nitidamente agrícola não excede os 400 ha (cerca de 6 % da área total do concelho)» (...). «Verifica-se assim que o concelho é ocupado maioritariamente por florestas (principalmente pinheiro bravo)». (EMPRESA GERAL DE FOMENTO — *Potencialidades Industriais de Castanheira de Pêra*, Câmara Municipal de Castanheira de Pêra, Out. 1983, p. 4).

QUADRO 3

Explorações agrícolas por classes de área

Classes de área	Número de explorações	Área (ha)	Dimensão média (ha)	% do número	% da área	Número médio de blocos por exploração
< 1	880	570	0.65	61.5	9.8	6.25
1 < 3	394	677	1.7	27.5	11.6	11.3
3 < 5	88	349	3.9	6.5	6	17.1
5 < 20	61	514	8.4	4.3	8.8	20.3
20 < 100	6	198	33	0.4	3.4	23
200 < 2500	3	3526	1175	0.2	60.4	24
<i>Total</i>	1432	5834	4.1	100	100	9

Fonte: *Recenseamento Agrícola, 1979, INE.*

mentar de actividades exercidas neste ou noutros sectores, pelo seu dirigente ou outros elementos do agregado familiar.

Não será assim de estranhar que no conjunto das explorações familiares, as imperfeitas ⁽²⁾ predominem, apontando para o carácter essencialmente subsidiário da agricultura (quadro 4).

Como actividade dominante privilegia-se o emprego na indústria, dadas as tradições industriais do concelho, embora a agricultura a tempo parcial seja igualmente mantida por empregados noutros sectores de actividade (quadro 5). Esta agricultura de subsistência constituirá, no entanto, um elemento fundamental para o desenvolvimento industrial do concelho, já que, ao fornecer um complemento económico, reduz a necessidade de salários muito elevados, assegurando ao mesmo

(²) Explorações Familiares Perfeitas — a totalidade ou a maior parte dos trabalhos agrícolas é feita pelo agregado doméstico do produtor e as receitas do agregado provêm exclusivamente da exploração.

Explorações Familiares Imperfeitas — a totalidade ou a maior parte dos trabalhos agrícolas é feita pelo agregado doméstico do produtor, mas as receitas do agregado não provêm exclusivamente da exploração.

QUADRO 4

Explorações segundo a forma de exploração

	Número de explorações	Área (ha)	Dimensão média (ha)	% do número	% da área
Patronais	13	58	4.5	1	2.5
Fam. perfeitas	6	20	3.3	0.4	0.9
Fam. imperfeitas	1402	2214	1.6	98.6	96.6
<i>Total</i>	1421 (*)	2292	1.6	100	100

Fonte: *Recenseamento Agrícola, 1979, INE.*

(*) Em relação ao quadro anterior faltam 11 explorações, das quais as 3 de maiores dimensões, sendo assim provável que as explorações patronais estejam subavaliadas, justificando-se a diferença relativamente à área total.

QUADRO 5

Produtores individuais e pessoas do agregado doméstico com ocupação mista por actividades remuneradas fora da exploração

	N.º	%
Agricultura, silvicultura e caça	87	9.1
Indústria	427	44.4
Construção e obras públicas	25	2.6
Comércio e hotelaria	124	12.9
Outras actividades remuneradas	298	31.0
<i>Total</i>	961	100

Fonte: *Recenseamento Agrícola, 1979, INE.*

tempo que a reprodução da força de trabalho se realize dentro do quadro da exploração familiar.

Com efeito, se repararmos na estrutura industrial (quadro 6), nota-se a acentuada especialização numa indústria muito intensiva em mão-de-obra, a têxtil, que procura tirar partido de localizações que possam, de alguma forma, baixar o custo de produção. Para além desta, apenas a presença de

QUADRO 6

Estrutura industrial do concelho em 1958 e 1971

	1958 (CITA)		1971 (CAE)	
	N.º de estabelec.	Pessoal ao serviço	N.º de estabelec.	Pessoal ao serviço
Indústria da alimentação	7	30	12	21
Indústria têxtil	36	1069	23	1255
Fabricação de artigos de vestuário e calçado	8	21	5	7
Indústria de madeira e cortiça	2	21	3	49
Tipografias e indústrias conexas	1	10		
Fabricação de produtos metálicos	1	2	5	10
Total	55	1153	49	1343

Fontes: *Inquérito Industrial*, 1958, INE.

Recenseamento Industrial, 1971, INE.

indústrias relacionadas com a exploração de matéria-prima local (madeiras) e a indústria alimentar, marcam presença nesta estrutura industrial.

Apesar de os valores de 1958 e 1971 não se apresentarem segundo a mesma classificação das actividades económicas, permitem dar uma ideia da permanência do tipo de estrutura industrial e da acentuada especialização na indústria têxtil e no vestuário.

2. A INDÚSTRIA DE LANIFÍCIOS EM FINAIS DO SÉCULO XIX E INÍCIOS DO SÉCULO XX

2.1. Seriam raras, nos séculos anteriores, as regiões em que, existindo a produção local de lãs, não se tivesse desenvolvido uma indústria artesanal de lanifícios, embora em muitas delas essa actividade tivesse desaparecido, por uma ou outra razão, enquanto noutras são ainda bem visíveis os vestígios, ou mesmo se mantiveram como importantes centros de indústria têxtil.

O fabrico caseiro de têxteis, inicialmente com o único intuito de auto-abastecimento, passou a constituir, com o desenvolvimento das trocas comerciais, um complemento económico vital nas regiões de agricultura pobre.

Ao mesmo tempo que em algumas delas se assistia, com base em políticas industrialistas dos séculos XVII e XVIII, à instalação de imponentes manufacturas que se localizaram preferencialmente em regiões mais acessíveis ou de maiores tradições no fabrico de panos, por exemplo Covilhã ou Portalegre, noutras a produção continuava organizada em pequenas oficinas caseiras. No entanto, como actividade paralela, ou integrada no processo produtivo de manufacturas, esta tecelegem caseira fornecia uma parte considerável da produção de tecidos, pelo que se sentiu a necessidade de a organizar, mais do que concentrá-la em fábricas que exigiam um investimento de capitais nem sempre disponíveis.

Foram então criados os Regimentos, o primeiro em 1573 e o segundo em 1690, tendo como principais finalidades estabelecer normas e padrões de produção, salvaguardando a qualidade de oferta, numa tentativa de aumentar o crédito dos produtos nacionais (3).

Nos centros produtores têxteis de menor importância (e não incluídos na «área de influência» de uma manufactura), a produção caseira ficava igualmente sujeita às mesmas regras de produção e qualidade estabelecidas nos Regimentos. Com o fim de fiscalizar o cumprimento das normas eram nomeados, para cada região, «vedores de panos», espécie de juízes que

(3) BORGES DE MACEDO — *Problemas da História da Indústria Portuguesa no Século XVIII*, 2.ª edição, Editorial Quercó, Lisboa, 1982, p. 31 e 32.

tinham como função examinar o trabalho dos pisoeiros, cardadores e tecelões, não permitindo que fossem colocados no mercado produtos de inferior qualidade.

Data deste período o primeiro documento oficial conhecido que refere uma importante actividade de fabrico de panos em Castanheira de Pêra. Trata-se de uma Acta da Comarca de Pedrógão Grande, é de 1574, e pode considerar-se uma consequência directa do primeiro Regimento, pois cita a obrigatoriedade da existência dos «vedores de panos» na região (4).

De 1574 a 1860, data de fundação da primeira fábrica, não são conhecidas quaisquer outras referências a Castanheira de Pêra, como centro produtor têxtil, mas crê-se que tenha continuado organizado com base na pequena produção artesanal. Se ficou à margem dos benefícios que advieram da existência de um mercado de consumo protegido no Brasil, do qual foram particularmente beneficiadas as manufacturas, também não terá sido tão duramente afectada pela concorrência da indústria têxtil inglesa que, nos princípios do século XIX, mercê de um avanço tecnológico sem comparação em qualquer outro país, colocava os produtos no mercado a um preço incomportável para a indústria nacional.

Só a partir de meados do século XIX se ultrapassou, em Castanheira de Pêra, a fase artesanal, ou pré-industrial, com a implantação das primeiras fábricas que, no entanto, englobavam apenas parte do processo produtivo, a cardação e fiação. Eram precisamente as que exigiam um esforço de investimento maior, possível unicamente a alguns capitalistas, enquanto a tecelagem continuava a pertencer às pequenas empresas familiares, que qualquer artesão qualificado e com capital mínimo poderia manter.

Ao *Inquérito Industrial* de 1881 responderam 11 fábricas (das quais apenas uma é totalmente integrada), que correspondiam ao total de unidades instaladas no concelho (quadro 7).

(4) A sua existência era igualmente conhecida em Alegrete (1594 e 1595), Alpalhão (1573 e 1591), Alter do Chão (1590), Arronches (1572), Avis (1573 e 1591), Cabeço de Vide (1598), Crato (1596, 1598 e 1599), Gáfete (1527), Marvão (1585) e Monforte (1603).

LUIZ FARINHA — «Subsídios para a caracterização da Indústria Têxtil em Portugal nos séculos XV e XVI», *História e Sociedade*, ano 1, n.º 1, Abril, 1978.

Resumo dos dados referentes às empresas do sub-ramo de lanifícios do concelho de Castanheira de Pera em 1881

	Data de fundação	Capital fixo (mil réis)	Valor da produção (mil réis)	N.º de operários	Total dos salários diários (mil réis)	Motores		Sortidos de cardas		Fiações	
						Hidráulicos	Vapor	2	3	N.º	N.º de fusos
Esconhais	1878	180 000	200 000	500	110	4	4	2	5	8	2100
Safrujo	1873	15 000	30 000	58	13	1	1	1		2	420
Retorta	1866	12 500	30 000	25	5	1	—	1	—	2	420
Abelheira de Baixo	1860	12 000	20 000	39	9	1	—	2	—	2	360
Abelheira de Cima	1879	12 000	15 000	30	7	1	—	1	—	2	400
Abelheira	1877	13 000	20 000	39	9	1	—	1	—	2	440
Foz do Funtão	1866	12 000	20 000	39	9	1	—	1	—	2	420
Rapos	1874	30 000	60 000	115	25	1	—	2	1	4	1000
Bolo	1868	13 500	20 000	39	9	1	—	1	—	2	420
Torgal	1874	13 000	30 000	58	13	1	—	1	—	2	440
Perellos	1879	15 000	30 000	58	13	1	—	1	—	2	380
<i>Total</i>		328 000	475 000	1000	222	14	5	12	6	30	6800

De todas elas devem necessariamente destacar-se, se atendermos ao capital fixo e ao número de operários, as fábricas dos Esconhais e Rapos, que pertenciam a A. Alves Bebiano, mais tarde visconde de Castanheira de Pêra, que integrava ainda a sociedade da Fábrica da Retorta, para além de possuir uma fábrica de papel, também no concelho.

A fábrica de Esconhais (início da construção de uma parte em 1868 e de outra em 1879), que montou, investindo os capitais acumulados no Brasil, era a terceira maior do país, no sub-ramo de lanifícios, localizando-se as outras duas em Lisboa (uma em Belém, possuindo 690 operários, a outra na Quinta de S. Pedro do Arieiro, com 594 operários). Possuía já uma secção de tecelagem, com teares manuais e mecânicos, tendo sido a direcção das várias secções confiada a estrangeiros.

Exceptuando esta fábrica e a dos Rapos, as outras apresentam uma dimensão muito próxima, quer quanto ao número de operários e ao capital fixo (apenas varia entre 12 a 15 mil réis), como ao valor de produção.

Convém salientar, no entanto, que se trata exclusivamente de capital local e, apesar de apenas ser referido que ele se realizou no Brasil, no caso de Alves Bebiano, não é de excluir que possa ter acontecido o mesmo com outros industriais, dada a reduzida capacidade de acumulação de capital que a região proporcionava antes de desenvolver esta indústria.

Trata-se, assim, de um processo de desenvolvimento autógeno, com a particularidade de alguns industriais investirem, simultaneamente, em várias empresas, das quais apenas duas, Abelheira e Abelheira de Cima, estão em nome individual, sendo as outras sociedades em nome colectivo.

Tentando relacionar Castanheira de Pêra com os outros centros produtores de lanifícios, verifica-se que existe um atraso quanto ao equipamento instalado, que é, no entanto, relativo (quadro 8). Ele existia mesmo entre Lisboa e a Covilhã, apesar da tradição desta no fabrico de lanifícios. O facto de Lisboa possuir equipamento tecnologicamente mais avançado compreende-se pela sua maior acessibilidade, quer em relação aos centros inovadores da Europa, quer aos lanifícios ingleses, que lhe moviam uma concorrência muito cerrada. Tornava-se premente, para poder sobreviver, recuperar o atraso que a separava da indústria inglesa, enquanto já não

QUADRO 8

Equipamento no sub-ramo de lanifícios por distritos ou concelhos em 1881

Distritos	N.º de fábricas	Motores		Cardação		Fiação		Teares		
		Vapor	Hidráulicos	Cardanças	Cardas	N.º de fiações	N.º de fusos	Mecânicos	Manuais	Total
Castelo Branco (conc. da Covilhã)	76	13	86	12	172	81	22175	57	802	859
Guarda	43	2	51	36	66	76	18534	22	309	331
Leiria (conc. Castanheira de Pêra)	11	5	14		42	30	6800	40	40	80
Lisboa	8	28	2	2	152	62	16425	182	457	639
Porto	7	7	2		34	19	4660	34	82	116
<i>Total do País</i>	160	63	162	51	504	286	70007	356	1911	2267

Fonte: *Inquérito Industrial*, 1881.

o era tanto para as fábricas localizadas no interior do país. Justifica-se, assim, a existência neste distrito de um maior número de motores a vapor e teares mecânicos, embora ainda predominassem os manuais.

Em finais do século XIX, tendo por base os dados recolhidos no inquérito de 1881, os principais centros de produção de lanifícios no país eram:

- as regiões que envolviam a Covilhã e Guarda, com profundas tradições no fabrico têxtil e que asseguravam a maior parte da produção nacional (os distritos de Castelo Branco e Guarda produziam, em 1881, 51 % do total de lanifícios);
- com a alteração dos factores de localização (substituição da fonte de energia e importação de matéria-prima), esta indústria pôde deslocar-se para os centros urbanos, nomeadamente Lisboa, aproximando-se do mais importante mercado de consumo (o distrito de Lisboa contribuía com 27 % para a produção de lanifícios);
- finalmente Castanheira de Pêra, um pequeno centro, no entanto bastante dinâmico, sendo responsável por 12 % da produção nacional.

Os principais obstáculos que se colocavam ao desenvolvimento deste último centro, segundo os seus industriais e referidos no *Inquérito Industrial*, resultavam, em larga escala, da sua reduzida acessibilidade. Por exemplo, o mau estado da estrada que a ligava à Covilhã, intransitável durante o Inverno, obrigava a um elevado empate de capital a fim de se adquirir matéria-prima para todo o ano, para além de encarecer o custo de transporte dos produtos acabados.

Se esta situação se torna, de facto, desvantajosa é, no entanto, largamente compensada pelo baixo custo de mão-de-obra. Enquanto em Castanheira de Pêra o salário médio diário era de 219 réis, em Lisboa situava-se em 509 réis e na Covilhã nos 551, ou seja, remuneravam-se os operários, pelo mesmo trabalho, com salários que correspondiam a metade dos praticados nos outros centros.

2.2. Com base num documento elaborado em 1914 e dirigido ao Partido Republicano, pedindo a elevação de Castanheira de Pêra a sede de concelho, torna-se possível caracterizar a situação da indústria de lanifícios, no princípio deste século ⁽⁵⁾. Nele, esta actividade é referida em pormenor, justificando a suficiente dimensão económica para se promover a criação do concelho.

A maior empresa, Fábrica dos Esconhais, terá soçobrado em consequência da sua excessiva dimensão, tendo em conta o nível regional em que se inseria. De qualquer modo, ela aparece, em 1914, desmembrada em duas empresas distintas, a de Esconhais de Cima e a de Baixo, em nomes individuais, e tendo, respectivamente, 15 mil e 30 mil escudos de capital fixo.

Em relação a 1881, aparecem, para além destas, quatro novas fábricas, tendo sido extintas apenas duas, a do Torgal e a da Abelheira. Embora a nota dominante continue a ser a constituição de sociedades em nome colectivo, aparece já uma sociedade anónima, a da Fábrica dos Rapos, com um capital fixo dos mais elevados, 30 mil escudos, que é, no entanto, igualado por mais duas empresas.

Por outro lado, assiste-se a uma diversificação da produção, pois são citadas três fábricas de malhas que não apareciam no inquérito de 1881, embora não seja possível medir a sua importância, já que não são referidos quaisquer outros dados sobre elas. Provavelmente dedicavam-se ao fabrico de meias e luvas, uma actividade caseira muito tradicional na região. Ela foi estimulada a desenvolver-se por comerciantes que compravam a lã em Miranda do Corvo ou Pampilhosa, entregavam-na a fiar nas fábricas, distribuindo, em seguida, o fio por várias mulheres que, em casa, tricotavam as meias e luvas. Estas eram finalmente recolhidas e vendidas em Lisboa. Terão sido estes comerciantes a introduzir as primeiras máquinas de fabricar meias e luvas, que vieram permitir aumentar a produção e melhorar a qualidade dos produtos.

Para além destas fábricas o documento refere, ainda, a existência de «centenas de instalações industriais», apontando

(5) ALBINO FERNANDES, *et al.* — *Carta ao Illustre Directorio do Partido Republicano Portuguez*, Castanheira de Pêra, 1914.

para a continuidade da anterior estrutura produtiva, em que as fábricas se dedicavam apenas à fiação e acabamento, enquanto a tecelagem permanecia dispersa por inúmeras oficinas caseiras, mostrando igualmente uma forte dependência económica deste concelho em relação à indústria têxtil, situação que se irá manter nos períodos seguintes.

Relativamente à inovação tecnológica, saliente-se o facto de quase todas as empresas trabalharem já com motores a vapor e utilizarem energia eléctrica para iluminação. Ela era produzida numa represa que pertencia à Fábrica dos Rapos e destinava-se igualmente a fornecer iluminação pública e privada à sede de concelho.

3. OS ANOS 40 A 60 — A FASE DE MAIOR EXPANSÃO E DE ALTERAÇÃO TECNOLÓGICA E PRODUTIVA

A indústria de lanifícios, tal como as outras, ficou sujeita, durante o Estado Novo, à organização corporativa, assim como a leis de condicionamento industrial, as quais, para o seu caso específico, foram criadas pelo Decreto n.º 28 132 de 3 de Novembro de 1937. Ela estabeleceu a divisão do país em cinco regiões, com sedes respectivamente em Lisboa, Porto, Gouveia, Covilhã e Castanheira de Pêra. Cada uma delas teria um grémio de produtores e um sindicato operário, dependendo da Federação Nacional de Grémios e Sindicatos com sede em Lisboa.

Com base nos dados referentes a cada um dos grémios, publicados pela Federação Nacional, será feita a análise da evolução desta indústria entre os anos 40 e 70. Ela incidirá, em especial, nos anos 60, durante os quais se assiste a uma considerável melhoria, quer no equipamento quer na produção, em todos os grémios.

Quanto à evolução do pessoal ao serviço, o seu crescimento é bastante acentuado, tendo o valor duplicado nestes trinta anos. Relativamente a Castanheira de Pêra, contribuiu, para esse aumento, em especial o último decénio, que veio contrariar a tendência para a estabilidade verificada nos outros, tal como no Norte e particularmente em Gouveia, situações inversas à da Covilhã onde, pelo contrário, o crescimento do emprego foi mais acentuado nos anos 40 (fig. 1).

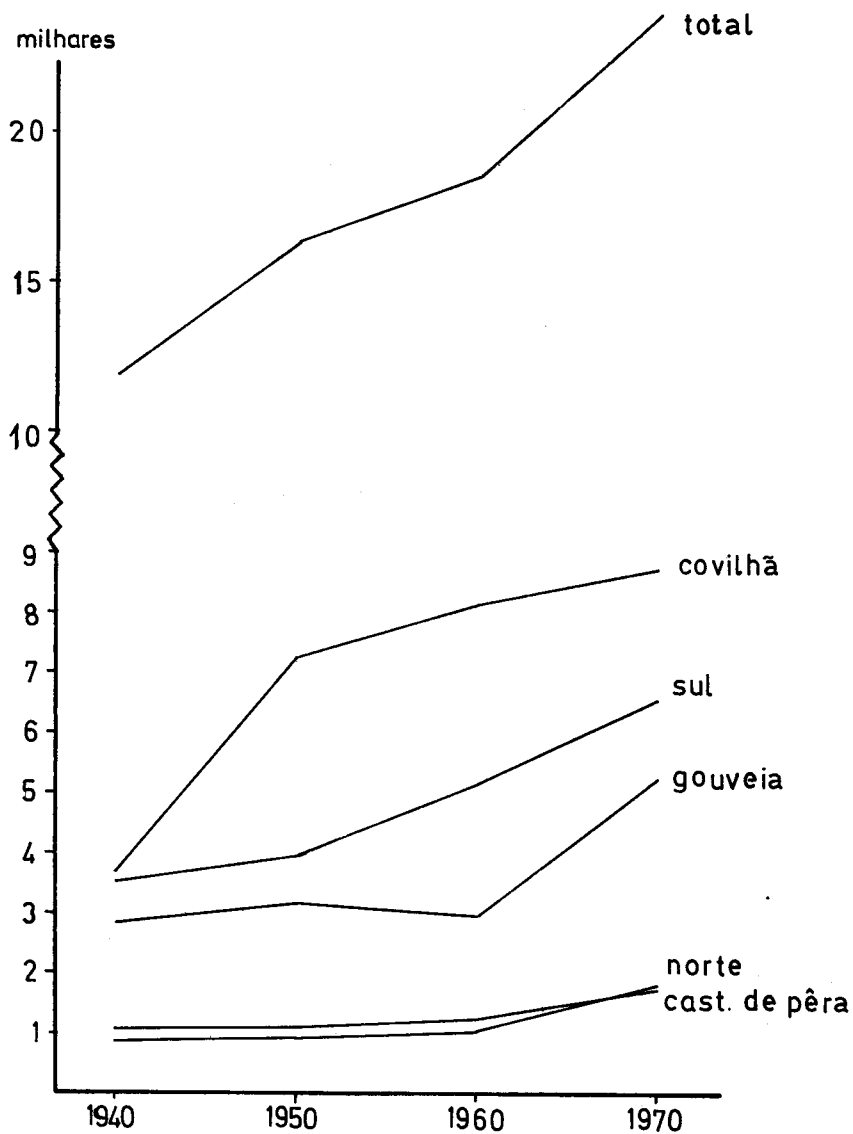


Fig. 1 — Pessoal ao serviço.

Fonte: Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, 1962 e 1976.

Durante a segunda guerra mundial a indústria de lanifícios portuguesa beneficiou, como já o fizera aquando da primeira guerra mundial, de condições de exportação muito particulares. O envolvimento dos principais produtores de lanifícios na guerra e a desorganização do comércio internacional constituíram vantagens para a indústria nacional, já que ficava livre, por algum tempo, da concorrência dos produtos estrangeiros no mercado interno.

A produção de tecidos, no entanto, não irá sofrer um aumento acentuado, com excepção do grémio do Sul e, em menor escala, Castanheira de Pêra, em parte resultado da elevada dependência da importação de matérias-primas (fig. 2).

Em relação ao equipamento, neste primeiro decénio, destaca-se a sua modernização na fase de tecelagem, com a substituição dos teares manuais por teares mecânicos, comportamento que é idêntico em todos os grémios, embora mais acentuado, como seria de esperar, no principal centro de produção, a Covilhã, e em Lisboa (Sul) (fig. 2 e 3).

O aumento da produção e, em última análise, o desenvolvimento desta indústria ficam, no entanto, fortemente condicionados pela estreiteza do mercado interno, em especial por se tratar de produtos mais valorizados, o que diminui, igualmente, a capacidade de absorção das colónias, apesar de constituírem o principal mercado de consumo externo dos lanifícios nacionais.

Só mesmo a protecção pautal e a existência das colónias mantinham viva a indústria de lanifícios, já que, apesar dos baixos salários e da renovação do equipamento, não se atingiam os índices de produtividade conseguidos na indústria europeia, como também era difícil concorrer em termos de qualidade.

Apesar do protecçãoismo aduaneiro, a balança comercial de lanifícios era fortemente desfavorável, não só em consequência da importação de lãs, como de tecidos de qualidade que não eram produzidos no país (6).

(6) JOSÉ JOAQUIM CORREIA — «Aparências e Realidades, Esboço Crítico de uma Indústria Portuguesa», comunicação à Sociedade de Ciências Económicas, 27 de Janeiro de 1944.

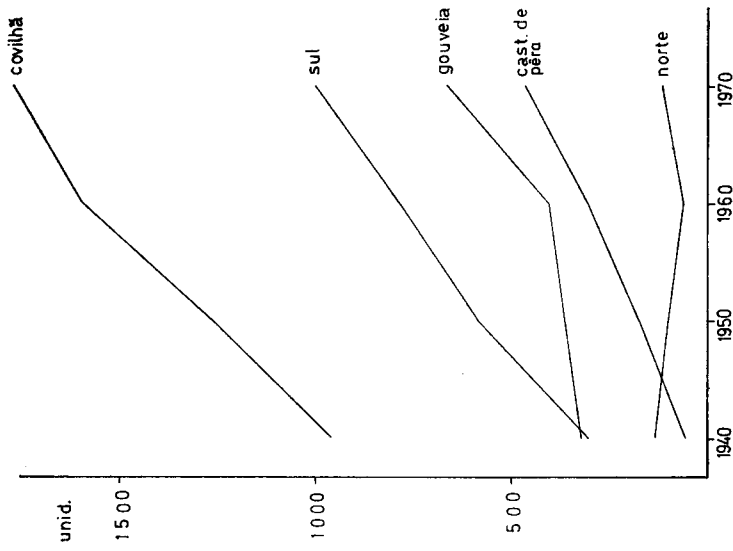


Fig. 2 — Teares mecânicos.

Fonte: Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, 1962 e 1976.

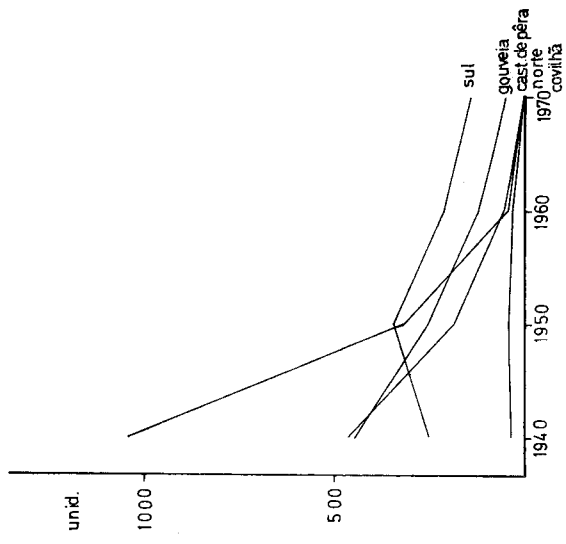


Fig. 3 — Teares manuais.

Fonte: Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, 1962 e 1976.

Nos anos que se seguiram à segunda guerra mundial, uma série de circunstâncias permitiram atenuar alguns factores condicionantes, o que se traduziu num incremento industrial no país, tendo-se repercutido, igualmente, na indústria de lanifícios. Ele decorreu da abertura da economia nacional, permitindo o afluxo de capital estrangeiro, que foi investido, entre outros, na indústria têxtil e facilitou o seu desenvolvimento. Por outro lado, a adesão de Portugal à EFTA, abria boas perspectivas de exportação pelo alargamento do mercado de consumo. Finalmente, o próprio desenvolvimento industrial traduziu-se num aumento do poder de compra da população e conseqüentemente no alargamento do mercado de consumo interno.

Assim, nos anos 60, a expansão da indústria de lanifícios torna-se clara em todos os grêmios. Apesar de, nos anos 50, ser bem visível o aumento do parque de máquinas nos grêmios do Sul e Covilhã, nos anos 60 essa melhoria vai fazer-se sentir igualmente nos outros, ou seja, realiza-se um processo de desenvolvimento de indústrias de lanifícios mais homogéneo.

Convém referir que em Castanheira de Pêra o sistema de fição de penteado (7) avança, praticamente, nos anos 60 e embora se mantenha com valores bastante inferiores aos outros, pelo menos correspondeu a uma melhoria na qualidade dos seus produtos, mesmo sendo dominante o sistema de cardação (fig. 4 e 5).

Quanto a este último sistema, os grêmios do Sul e Covilhã têm um comportamento diferente, apresentando uma diminuição, ou estabilidade do número de fusos instalados, enquanto nos outros, em especial Gouveia, ele aumenta bastante. Verifica-se assim uma tendência para a especialização produtiva do

(7) A fição de penteado utiliza fibras longas (350 a 400 mm), exige a compra de matérias-primas mais caras e equipamento mais dispendioso. Resultam produtos de qualidade, para fabricar tecidos finos nos quais a trama é visível. É necessário imobilizar maior quantidade de capital e a fição encontra-se, normalmente, separada da tecelagem. A fição de cardado utiliza fibras curtas (6 a 60 mm), é necessário torcer a lã antes da tecelagem, ou pisoá-la após esta fase, resultando tecidos mais grosseiros. O equipamento não é muito dispendioso e a integração da fição e da tecelagem é possível, mesmo em empresas modestas.

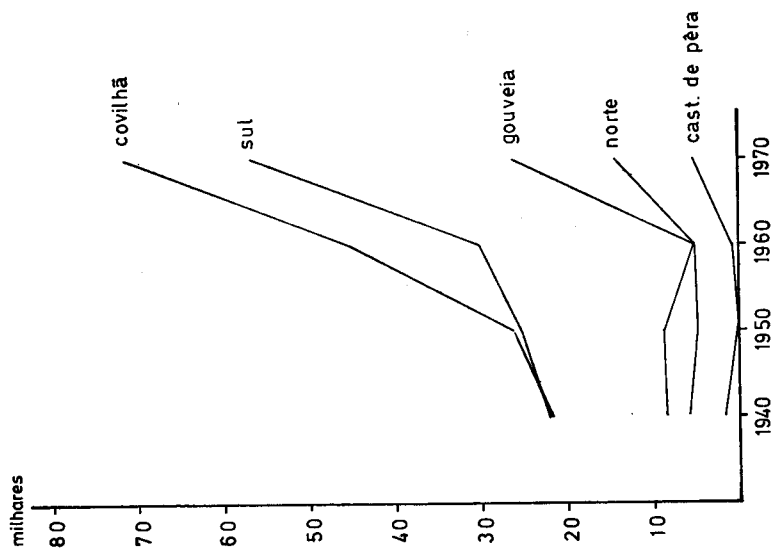


Fig. 4 — Fusos de penteado.

Fonte: Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, 1962 e 1976.

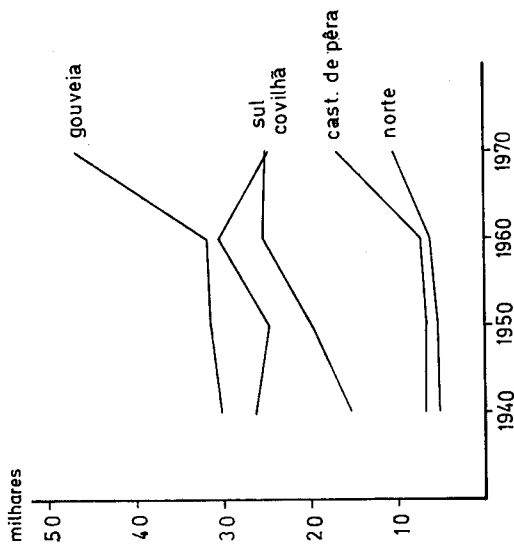


Fig. 5 — Fusos de cardado.

Fonte: Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, 1962 e 1976.

país, segundo a qual caberia aos dois primeiros grêmios a produção de fios e tecidos de qualidade (fig. 6 e 7), o que se justifica na Covilhã pela sua tradição na produção de penteado e no Sul pela proximidade de Lisboa, onde se concentravam os estratos sócio-económicos mais elevados, que constituem o potencial mercado de consumo dos produtos de qualidade. Nos outros, entre os quais se encontra Castanheira de Pêra, continuaria dominante a produção de tecidos cardados, mais grosseiros, destinados a abastecer um mercado mais alargado e com menor poder aquisitivo.

4. CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO ACTUAL

Por inquérito directo, em 1981, detectaram-se no concelho 21 empresas dedicadas ao fabrico de têxteis, pertencendo 9 ao sub-ramo de lanifícios e 12 ao de malhas.

As do sub-ramo de lanifícios pertencem à primeira fase de industrialização, sendo quatro destas, fundadas até ao início do século, totalmente integradas e apresentando média ou grande dimensão. Nas mais recentes, no entanto, verifica-se uma tendência para a especialização numa fase do processo produtivo, a fiação (quadro 9).

O sub-ramo de malhas tem um processo de desenvolvimento mais recente (apesar de a produção artesanal ter sido referida no início deste século), podendo considerar-se dois momentos de implantação. O primeiro nos anos 30, com a criação de duas empresas de média dimensão, e o segundo nos anos 70 e início de 80, onde se assiste ao surgimento de pequenas empresas de tipo familiar.

Para além destas, existe ainda uma outra empresa que se dedica ao fabrico de pasta para estofos de automóveis, relacionando-se com o sistema têxtil por utilizar como matéria-prima os desperdícios das fábricas de malhas.

A idade média das empresas de lanifícios é, assim, consideravelmente superior à das malhas, representando dois momentos distintos de industrialização. O primeiro decorre de factores de localização tradicionais, como a produção local de matérias-primas e a existência duma ribeira fornecendo energia e água para a lavagem de lãs e tecidos, para além da abundância de mão-de-obra barata pela sua relação com

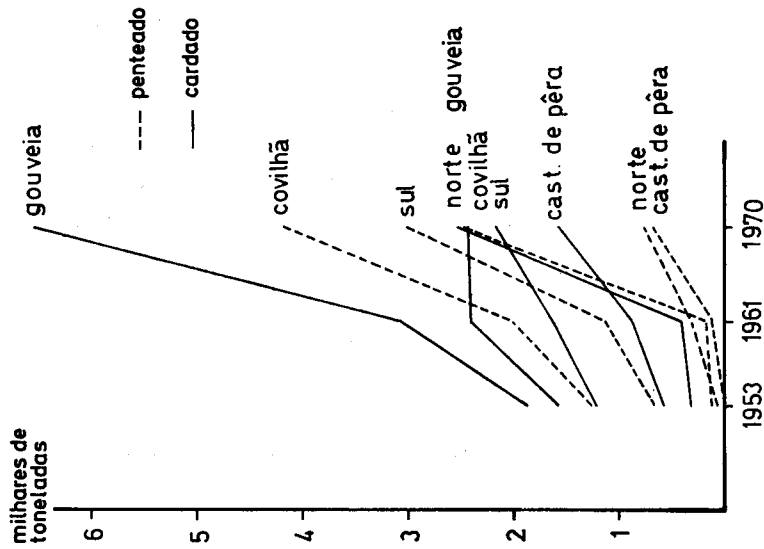


Fig. 7 — Produção de fios por grêmios.

Fonte: Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, 1962 e 1976.

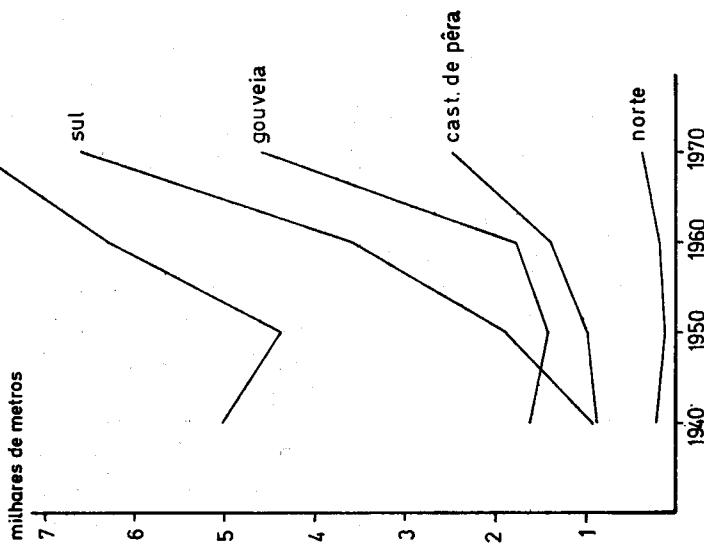


Fig. 6 — Produção de tecidos por grêmios.

Fonte: Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, 1962 e 1976.

QUADRO 9

Ano de fundação e actividade principal das empresas inquiridas (1981)

Ano de fundação	Actividade
1863	Fiação, tecelagem e acabamentos de lanifícios
1874	Fiação e tecelagem de lanifícios
1880	Fiação, tecelagem e acabamentos de lanifícios
1900	Xalles e surrobecos
1920	Meias e luvas
1928	Fiação, tecelagem e acabamentos de lanifícios
1930	Meias
1934	Meias
1936	Fiação e tecelagem de lanifícios
1946	Fiação e bobinagem
1966	Meias
1970	Meias
1973	Pasta de algodão para estofos
1976	Meias
1978	Meias
1979	Barretes e meias
1979	Fiação
1979	Malhas
1981	Meias
1981	Meias

uma agricultura de subsistência. Com efeito, todas as fábricas de lanifícios, algumas das quais já desaparecidas, procuram localizar-se ao longo da Ribeira de Pêra (fig. 8). O segundo momento corresponde à localização induzida das fábricas de malhas, já que estas utilizam matéria-prima (fio) produzida nas primeiras.

Enquanto as empresas do sub-ramo de lanifícios se foram libertando do espírito familiar e tradicionalista, predominando agora as sociedades por quotas, no de malhas, mesmo as

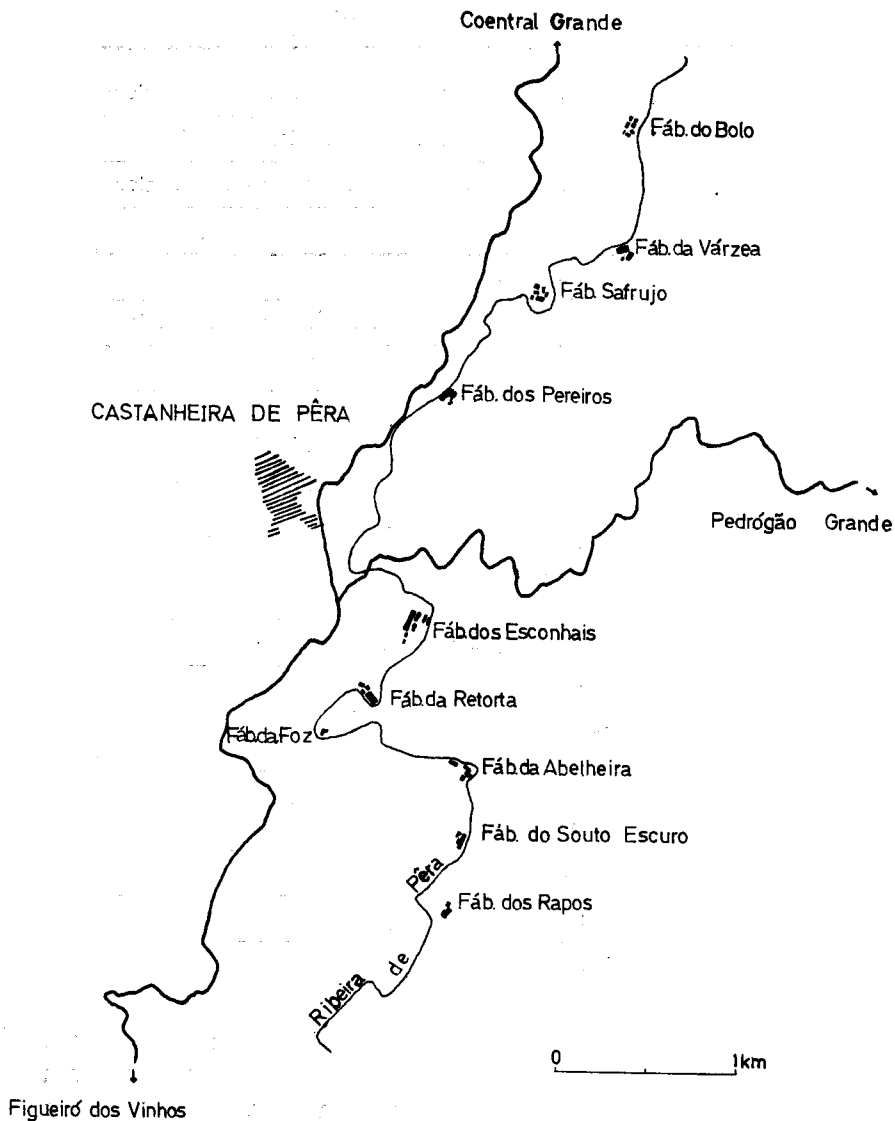


Fig. 8 — Localização das fábricas de lanifícios em 1947.

empresas mais recentes são em nome individual, excluindo-se apenas as de maiores dimensões, o que sugere o seu fraco grau de capitalização (quadro 10).

QUADRO 10

Forma jurídica das empresas e data de fundação (1981)

Forma jurid. \ Sub-ramo	Lanifícios	Malhas	Total
Em nome individual	1 (1900)	8 (1934) (1966) (1977) (1978) (1979-2) (1981-2)	9
Cooperativa	1 (1979)		1
Soc. em nome colectivo	1 (1880)		1
Soc. por quotas	6 (1863) (1874) (1928) (1936) (1946) (1977)	4 (1920) (1930) (1970) (1976)	10
<i>Total</i>	9	12	21

Na sua maioria, elas devem-se à iniciativa de operários do sub-ramo de lanifícios, normalmente especializados, que, ao poderem dispor de algum capital inicial, decidem formar a sua própria empresa. Como esse capital não é muito elevado, e, dentro da indústria com que já estão familiarizados, o fabrico de meias e luvas exige menor esforço de investimento, raramente precisando construir instalações (as máquinas são frequentemente instaladas num anexo da habitação), pela facilidade na obtenção local de matéria-prima. Utilizando equipamento muitas vezes já usado (adquirido em fábricas da região do Porto), não é de estranhar que seja a actividade que mais proporciona a formação de pequenas indústrias. Para além destas, existe ainda uma cooperativa, formada pela iniciativa de alguns operários de uma fábrica que, por dificuldades económicas, havia encerrado em 1975.

A proveniência do capital inicial está intimamente relacionada com a própria indústria de lanifícios, em exclusivo ou associando-se a uma actividade próxima, como é o caso do comércio de produtos têxteis (quadro 11). O facto de apenas uma empresa referir ter recorrido exclusivamente ao empréstimo bancário para constituir o capital inicial, demonstra como o sistema familiar está ainda bem presente, em especial nas pequenas empresas, e como é importante na sua condução o espírito individualista e nominal dos investidores.

Salienta-se ainda o papel da emigração, já referido pela importância que teve no arranque industrial deste concelho. Estão presentes as duas vagas emigratórias mais relevantes, a do Brasil e a da Europa, e enquanto no primeiro caso se verificou exclusivamente uma acumulação de capital, no segundo, porque essa acumulação foi feita na indústria têxtil, traduziu-se igualmente num processo de valorização profissional.

Relativamente ao pessoal do serviço torna-se quase impossível fazer uma análise da sua evolução, já que, se grande parte das empresas não referiram o seu valor em 1960 e 1970, por outro lado, no sub-ramo de malhas o aumento registado relaciona-se com o seu recente desenvolvimento (quadros 12 e 13).

Em 1981, a indústria têxtil ocupava um total de 1057 pessoas, das quais 962 pertenciam ao sub-ramo de lanifícios. Neste predominava o trabalho masculino, decorrente da maior necessidade de operários qualificados nas várias fases do processo produtivo, enquanto no sub-ramo das malhas o feminino constituía o dobro do outro, pelo seu menor custo.

No conjunto do pessoal ao serviço destaca-se o reduzido número de técnicos, não atingindo em nenhum dos sub-ramos a média de um por empresa, embora seja mais grave no dos lanifícios, tendo em conta a sua dimensão, enquanto no de malhas o seu carácter artesanal é justificativo. Compreende-se igualmente a utilização da tarefa ao domicílio neste sub-ramo, a qual permite reduzir o custo salarial e social, que seria inoportável para as pequenas empresas familiares, pela descentralização de uma fase muito intensiva em trabalho, a do acabamento.

QUADRO 11

Proveniência do capital inicial e data de fundação (1981)

Capital inicial	Sub-ramo	Lanifícios	Malhas	Total
Capital próprio		1 (1863)	—	1
Poupança no mesmo ramo industrial		1 (1880)	2 (1930) (1976)	3
Poupança no mesmo ramo industrial e no comércio de lanifícios		—	1 (1970)	1
Poupança no comércio de lanifícios		1 (1928)	1 (1934)	2
Poupança no comércio de lanifícios e empréstimos locais		—	1 (1920)	1
Poupança no mesmo ramo industrial e crédito		2 (1936) (1979)	2 (1978) (1981)	4
Poupança noutra ramo e empréstimo familiar		—	1 (1966)	1
Poupança no comércio e profissões liberais		1 (1946)	—	1
Capital próprio e crédito		—	1 (1979)	1
Crédito		—	1 (1979)	1
Emigração (Brasil)		2 (1874) (1900)	—	2
Emigração (Alemanha)		—	1 (1981)	1
Poupança noutra sector		—	1 (1977)	1

QUADRO 12

Pessoal ao serviço nas empresas do sub-ramo de lanifícios

	H (1981)	M (1981)	Total (1981)	1970 (a)	1960 (b)
Pessoal dirigente	20	4	24	9	4
Pessoal técnico	8	—	8	3	1
Pessoal de escritório	17	8	25	16	2
Encarregados	19	—	19	11	5
Operários qualificados	223	169	392	457	117
Operários não qualificados	267	227	472	360	12
Aprendizes	—	—	—	—	—
<i>Total</i>	554	408	962	856	141

(a) Só responderam 6 empresas; (b) Só responderam 2 empresas.

QUADRO 13

Pessoal ao serviço nas empresas do sub-ramo de fabricação de malhas

	H (1981)	M (1981)	Total (1981)	1970 (a)	1960 (b)
Pessoal dirigente	17	4	21	12	7
Pessoal técnico	3	—	3	2	—
Pessoal de escritório	1	—	1	—	—
Encarregados	—	—	—	1	—
Operários qualificados	—	4	4	—	1
Operários não qualificados	9	57	66	41	35
Aprendizes	—	—	—	—	—
<i>Total</i>	30	65	95	56	43

(a) Só responderam 2 empresas; (b) Só responderam 3 empresas.

Em relação ao trabalho ao domicílio, que tem um papel importante numa outra área têxtil de lanifícios, a de Cebolais e Retaxo, não parece aqui revelar-se de igual modo ⁽⁸⁾.

Poderá explicar-se a sua ausência, em parte pela ascensão dos operários a pequenos industriais ser facilitada pela existência do sub-ramo de malhas que, tal como a aquisição de um tear para trabalhar no domicílio, exige um investimento inicial de capital relativamente reduzido; por outro lado, pelo maior dinamismo da indústria de lanifícios em Cebolais e Retaxo, onde nos anos 80 ainda se criam novas empresas, enquanto em Castanheira de Pêra parece verificar-se uma tendência para o declínio. Aqui, as empresas de lanifícios mantêm todo o processo produtivo, desde a fiação ao acabamento do produto, o que, para além de se traduzir numa elevada dimensão média (quadro 14) e aumentar os custos salariais e sociais, exige uma perfeita coordenação entre as várias fases, de modo a que cada uma possa integrar racionalmente a produção da anterior. De qualquer modo, este tipo de empresa está ultrapassado, assistindo-se antes a uma tendência para a redução da dimensão média, o que concede maior flexibilidade, permitindo a especialização por produto e maior adaptabilidade à sua rápida alteração em termos de moda ⁽⁹⁾.

O facto de as empresas do concelho não mostrarem ainda esta tendência relaciona-se com a reduzida vitalidade actual e acentua a sua inadaptação às novas condições de produção.

A baixa/média qualidade dos produtos (em todas as empresas a incorporação de fibras químicas é elevada) e a especialização num tipo de tecido demasiado tradicional, o escocês, poderão ser a causa da dificuldade que as empresas apresentam em ultrapassar o mercado nacional, apesar de, recentemente, um número reduzido das de lanifícios exportarem parte da sua produção. As empresas cuja produção se destina

⁽⁸⁾ Trabalho realizado no âmbito do Curso de Mestrado em Geografia Humana e Planeamento Regional e Local — *A Estrutura Industrial de Castelo Branco*, Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa, 1982.

⁽⁹⁾ IVA PIRES — *Contribuição para a Análise da Indústria Têxtil de Lanifícios*, Tese de Mestrado em Geografia Humana e Planeamento Regional e Local, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1985, cap. II.

QUADRO 14

Empresas segundo a dimensão (1981)

N.º de pessoas ao serviço	Sub-ramo de lanifícios		Sub-ramo de fabricação de malhas		Total de empresas	%
	N.º de empresas	Total de pessoas ao serviço	N.º de empresas	Total de pessoas ao serviço		
Até 2	—	—	2	4	2	9.5
3 a 5	1	3	5	21	6	28.6
6 a 10	—	—	2	15	2	9.5
11 a 20	—	—	2	32	2	9.5
21 a 50	2	50	1	23	3	14.3
51 a 100	3	231	—	—	3	14.3
Mais de 100	3	678	—	—	3	14.3
<i>Total</i>	9	962	12	95	21	100

em exclusivo, ou em grande parte, ao mercado local são as que trabalham por encomenda, na fase de fiação, para outras empresas do concelho (quadro 15).

No entanto, tem sido feito algum esforço relativamente à inovação tecnológica, se atendermos a que a maior parte dos investimentos realizados em 1981 (quadros 16 e 17) se destina à aquisição de máquinas, em especial no sub-ramo de malhas. Neste, o facto de alguns terem sido autofinanciados legitima a hipótese de se tratar de equipamento já utilizado, embora seja surpreendente que isso aconteça igualmente no sub-ramo de lanifícios.

A inovação tecnológica não se resume, exclusivamente, à renovação do equipamento. Nas pequenas empresas, a dificuldade em adquirir máquinas novas, assim como o escasso número das instaladas, incita-as a introduzirem pequenas alterações, com base no conhecimento empírico que vão adquirindo, de modo a poderem aproveitá-las intensamente. Tal é o caso da modificação de máquinas de meias para fabricar luvas,

QUADRO 15

Destino da produção em percentagem

N.º de ordem	Local			Regional			Nacional			Estrangeiro		
	1960	1970	1981	1960	1970	1981	1960	1970	1981	1960	1970	1981
1			100									
2										100		
3			2			4				74		20
4							100	100		75		25
5							100	100		95		5
6				2	2	2	88	58		88		40
7		40	50		60	50						
8								100		100		
9							100	100		100		
10								100		100		
11			2							98		
12								100		100		
13										100		
14										100		
15								100		100		
16										100		
17						10				90		
18							100	100		100		
19								100		100		
20										100		
21							100	100		100		
22							100	75		100		25

QUADRO 16

Principais investimentos em 1981 (em número)

Natureza do investimento	Sub-ramo de lanifícios			Sub-ramo de malhas			Total de empresas
	N.º de investimentos			N.º de investimentos			
	Autofinanciados	Crédito	Autof. e crédito	Autofinanciados	Crédito	Autof. e crédito	
Terrenos				1	1		2
Máquinas	3	2		3	2	1	11
Edifícios		2		1	1	1	5
Meios de transporte	1						1

QUADRO 17

Empresas que realizaram investimentos em 1981

Sub-ramo de malhas		Sub-ramo de lanifícios	
Total	%	Total	%
5	55.5	6	50

ou da reconversão do equipamento manual pela adaptação de um motor, aumentando assim a sua produtividade.

Finalmente, podemos referir que, enquanto no sub-ramo de malhas se assiste a uma tendência expansiva, por se tratar de pequenas empresas familiares beneficiadas por menores custos de produção (praticamente não existem encargos salariais, menor carga fiscal, entrè outros), facilitando a penetração dos seus produtos no mercado — refira-se ainda o facto de serem menos afectadas por crises económicas, devido à sua reduzida dimensão e manterem a sobrevivência minimamente assegurada pela prática de uma agricultura de subsistência —, no sub-ramo de lanifícios a tendência é de retracção, chegando-se mesmo recentemente a verificar o encerramento de quatro empresas.

geral, não se sentem ameaçadas pela concorrência, quer nacional quer internacional, apresentando pois uma situação mais favorável do que o sub-ramo de lanifícios. Por outro lado, fabricam produtos de menor qualidade, utilizando essencialmente fibras químicas e desperdícios de lã, pelo que não pode existir concorrência com os produzidos na região norte, geralmente de melhor qualidade, destinando-se, portanto, a mercados diferentes.

De qualquer modo, como as empresas do sub-ramo de lanifícios representam o maior volume de emprego e produção, torna-se urgente atender às suas dificuldades, apontando projectos para a sua reestruturação. A menor incorporação de mão-de-obra, tal como se verifica nos outros países europeus, e o investimento em equipamento poderiam constituir alternativa para a reestruturação da indústria de lanifícios. Ela põe, no entanto, graves problemas de desemprego, em especial quando se trata de uma região que vive quase exclusivamente da indústria de têxtil, como é o caso presente. Não existindo outros ramos industriais que possam absorver a mão-de-obra libertada, criando empregos alternativos, torna-se particularmente difícil avançar com uma política de inovação tecnológica. Tanto mais que neste caso seria indispensável a frequente renovação do equipamento, exigindo um importante esforço de investimento, difícil para empresas que se encontram descapitalizadas.

Seria importante, igualmente, diversificar a produção, melhorar a sua qualidade, evitar os produtos clássicos, incorporando antes qualidade e moda, o que não é fácil para uma pequena região como esta.

Existe, no entanto, a possibilidade de completar a fileira têxtil pela criação de empresas de confecção, que nunca se desenvolveram no concelho, apesar da disponibilidade de mão-de-obra e do seu menor custo, permitindo ainda absorver parte da produção das fábricas de tecelagem.

Para além da criação de empresas do sub-ramo do vestuário, continua premente a necessidade de diversificar a estrutura produtiva do concelho, evitando, de futuro, que a região seja afectada ao mínimo sinal de crise da indústria têxtil.

5. CASTANHEIRA DE PÊRA E O PROJECTO PILOTO DAS ILE

As ILE, ou iniciativas locais de criação de emprego, são «unidades produtivas de bens e serviços, normalmente de pequena dimensão» e «resultam da acção de indivíduos ou grupos de pessoas geralmente desempregadas ou ameaçadas de desemprego» (10). Constituem-se frequentemente sob a forma de cooperativa, mas podem também ser em nome individual.

Um outro elemento que as caracteriza consiste em que o embrião do projecto de investimento e os seus objectivos devem surgir e ser definidos por quem pretende desenvolver essas iniciativas, embora numa fase posterior se procurem apoios técnicos e financeiros, de organismos estatais.

As ILE surgem preferencialmente em actividades intensivas em mão-de-obra, sendo as mais comuns (PACHECO, 1984, p. 5):

- exploração das potencialidades locais, nomeadamente no sector do artesanato;
- exploração dos recursos naturais potenciais de uma região ou localidade, nomeadamente a agricultura, a silvicultura, a aquicultura, o turismo e actividades conexas;
- exploração de recursos energéticos locais, renováveis — água, sol, vento, etc. —, projectos ecológicos diversos e programas de reciclagem e de renovação de produtos como móveis, electrodomésticos, bicicletas e outros veículos;
- renovação do tecido urbano (recuperação de habitações e renovação de bairros degradados...);
- retomada da actividade em sectores viáveis, anteriormente desenvolvidos por empresas que entraram em declínio, ou assunção de actividades marginais e anteriormente pouco rendíveis, desenvolvidas por empresas de maior dimensão.

(10) Dr. J. F. ASSIS PACHECO — «Iniciativas locais de criação de emprego (ILE) na luta contra o desemprego na CEE e o aproveitamento por Portugal dos apoios do FSE a estas iniciativas», *Jornadas da Beira Interior*, 18, 19 e 20 de Maio de 1984, Fundão, p. 3.

Esta comunicação tem uma importante e vasta informação sobre as ILE, na qual nos baseámos para elaborar esta parte do artigo.

A integração de Portugal no «Programa Iniciativas Locais de Emprego» da OCDE deu-se em 1982, tendo sido escolhido o concelho de Castanheira de Pêra para se desenvolver um projecto piloto neste âmbito. A escolha desta comunidade resultou de um conjunto de factores, entre os quais o facto de se tratar de uma região de monoidústria, estar ameaçada, a curto prazo, por graves problemas de desemprego, como também pelo dinamismo e pela vontade mostrada, em especial pelo Presidente da Câmara, em desenvolver iniciativas que pudessem contribuir para atenuar ou alterar esta situação.

O processo foi desencadeado pela autarquia, que promoveu a realização de uma conferência sobre o desenvolvimento económico e social do concelho, com o título «Que Futuro para Castanheira de Pêra», entre 22 e 24 de Novembro de 1983. Teve como principais participantes elementos do CIFAGE e do IEFP (que estão a acompanhar este projecto piloto), da Câmara e Assembleia Municipal, da Comissão de Coordenação da Região Centro e ainda dois técnicos estrangeiros, um espanhol e outro norueguês, que acompanham o processo das ILE nos seus países.

Dela resultou a elaboração de um plano de intenções, a curto e médio prazo, das quais se destacam a necessidade de reestruturar o ramo têxtil, em especial o sub-ramo de lanifícios, em paralelo com a criação de novas indústrias, promovendo assim a diversificação da estrutura industrial do concelho. Surgiu igualmente a ideia de se criar uma sociedade de capitais mistos, que permita estimular e coordenar os vários projectos de investimento. A Ribeirapêra — sociedade para o desenvolvimento de Castanheira de Pêra (SARL) — foi criada em 4 de Julho de 1984, com capital social de 50 mil contos, integrando, para além da Câmara Municipal, empresários locais e regionais, organismos do Estado e castanheirenses, sobretudo emigrantes no Brasil.

Embora o desemprego na região não atinja ainda níveis preocupantes ⁽¹¹⁾, constituirá, num futuro muito próximo, um

(11) De 1978 a 1983 entraram 25 processos de candidatos a receber o subsídio de desemprego. Os últimos 10 (Out. de 1983) têm uma média etária de 42 anos.

INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL — *Caracterização do Mercado de Emprego de Castanheira de Pêra*, Centro de Emprego de Leiria, Nov. de 1983.

grave problema, não só pela possibilidade de encerramento de algumas empresas em situação difícil, como pela dificuldade que os jovens terão, no panorama actual, em encontrar o seu primeiro emprego.

Procurando antecipar esta situação, a sociedade propõe-se, de imediato, passar do plano de intenções e desencadear os mecanismos necessários para a criação de novas empresas, procurando apoios, nomeadamente do IAPMEI, onde foi entregue um projecto de uma empresa de confecções e outro de uma fábrica de brinquedos de madeira (aproveitando a riqueza florestal do concelho), no âmbito do Projecto de Apoio ao Desenvolvimento Industrial do Interior (PADII).

Para além destas surgem ainda, como hipóteses, a recuperação da actividade de base familiar (o artesanato de vime, tapeçaria regional, fabrico de queijo, compotas e afins), da pastorícia e o aproveitamento da energia das quedas de água e resíduos florestais.

Relativamente à indústria têxtil, foram avançadas como hipóteses viáveis e relativamente fáceis de concretizar, a criação de empresas de prestação de serviços comuns, como por exemplo uma oficina metalúrgica, carpintaria mecânica e oficina de electricidade, uma tinturaria e acabamento, assim como uma empresa que permita conjugar os esforços de prospecção de mercado e ainda uma outra de transportes.

É igualmente sentida a necessidade de desenvolver acções de reconversão-formação profissional dos trabalhadores e que poderão vir a beneficiar de apoios do FSE, particularmente vocacionado para esses aspectos.

Talvez seja ainda cedo para avaliar as possibilidades de concretização destes projectos e as suas potencialidades; no entanto, torna-se premente repensar em Portugal, sobretudo por ter falhado o SIII (Sistagma Integrado de Incentivos ao Investimento), pelo menos na sua componente regional, uma forma de estimular a criação de novas empresas no interior, por um lado, bem como a implementação de esquemas de apoio a empresas em situação difícil e que constituam elementos fundamentais na estabilidade do emprego nessas regiões.

As ILE poderão vir ao encontro dessas necessidades, em especial por estarem vocacionadas para a criação de indústrias com mão-de-obra intensiva, o que permite atenuar o desem-

prego, mas sobretudo porque talvez constituam a única forma possível de desenvolvimento em regiões pouco atractivas a capitais exteriores e onde o capital local não é suficiente, por si só, para estimular esse processo ou foi desgastado em actividades que estão em declínio.

BIBLIOGRAFIA

I — Estatísticas

- Carta Militar de Portugal*, 1:25 000, Serviços Cartográficos do Exército, 1947.
- Estatísticas da Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios*, 1962 e 1976. Covilhã.
- Inquérito Industrial ao Continente, 1881*, Repartição de Estatística do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria. Lisboa.
- Inquérito Industrial ao Continente, 1957-1959*. Vol. XI, Distrito de Leiria, 1958. Instituto Nacional de Estatística. Lisboa.
- Inquérito Local às Empresas de Castanheira de Pera*. 1981.
- Recenseamento Agrícola, 1979*. Instituto Nacional de Estatística. Lisboa.
- Recenseamento Geral da População, 1960, 1970, 1980*. Instituto Nacional de Estatística. Lisboa.
- Recenseamento Industrial, 1971*. Instituto Nacional de Estatística. Lisboa.

II — Livros e artigos

- Caracterização do Emprego do Concelho de Castanheira de Pera* — Instituto do Emprego e Formação Profissional, Centro de Emprego de Leiria, 1983.
- CORREIA, JOSÉ DE PAIVA — «Aparências e Realidades, Esboço Crítico de uma Indústria Portuguesa». Comunicação à Sociedade de Ciências Económicas pelo Sócio n.º 85, 27 Jan. 1944, Lisboa.
- Curso de Mestrado em Geografia Humana e Planeamento Regional e Local* (com o apoio da Comissão de Coordenação da Região Centro). A Estrutura Industrial do Concelho de Castelo Branco, 1 — A Cidade de Castelo Branco — Relatório Preliminar, II — As Freguesias de Cebolais e Retaxo — Relatório Preliminar, Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa (não publicado).
- FARINHA, LUÍS — «Subsídios para a Caracterização da Indústria Têxtil em Portugal nos Séculos XV e XVI». *História e Sociedade*, Ano I, n.º 1, Abril, 1978, p. 3-7.
- FERNANDES, ALBINO; FERNANDES, JOÃO; CARVALHO, ADELINO DE; FERNANDES, JOSÉ; CARVALHO, ANTÓNIO DE — *Carta ao Ilustre Directorio do Partido Republicano Portuguez*, Castanheira de Pera, 1914.
- MACEDO, J. BORGES DE — *Problemas de História da Indústria Portuguesa no Século XVIII*, Lisboa, Editorial Quercó, 1982.

- NEVES, ANTÓNIO OLIVEIRA DAS — «A Dimensão Local da Crise do Emprego nos Anos 80: Reflexões em torno do Processo de Castanheira de Pêra — Uma Iniciativa Local de Emprego (I. L. E.) no Âmbito da OCDE», *Economia e Socialismo*, n.º 63, Out./Dez. 1984, p. 93-104.
- PACHECO, Dr. J. F. ASSIS — «Iniciativas Locais de Emprego (I. L. E.) na Luta Contra o Desemprego na CEE e o Aproveitamento por Portugal dos Apoios do FSE a estas Iniciativas», *Jornadas da Beira Interior*, 18, 19 e 20 de Maio de 1984, Fundão.
- PIRES, IVA — *Contribuição para a Análise da Indústria Têxtil de Lanifícios, um Caso de Especialização Produtiva*. Tese de Mestrado em Geografia Humana e Planeamento Regional e Local, Faculdade de Letras de Lisboa, 1985 (policopiada).
- Potencialidades Industriais de Castanheira de Pêra* — Empresa Geral de Fomento, Câmara Municipal de Castanheira de Pêra, 1983.
- PRÉVOT, VICTOR — *Géographie des Textiles*, Paris, Masson, 1979.
- Relatório da Conferência sobre o Desenvolvimento Económico do Concelho — Que Futuro Para Castanheira de Pêra?* 22 a 24 de Nov. de 1983, Castanheira de Pêra.

RÉSUMÉ

Origine et évolution d'un centre de production textile. L'industrie de la laine à Castanheira de Pêra. — L'industrie de la laine est l'activité prédominante de cette région, presque une mono-industrie. En 1891, 72 % de la population active était employée dans le secteur secondaire et presque en totalité dans l'industrie de la laine.

Selon l'enquête industrielle de 1881, Castanheira de Pêra était le troisième centre de production lainière du Portugal (le premier et le second étant les régions de Covilhã et de Lisbonne). A cette époque, sa faible accessibilité était largement compensée par les bas salaires pratiqués, ce qui lui a assuré une certaine prospérité. La production était destinée essentiellement au marché régional et national, seule la meilleure usine de la région, l'usine Esconhais (la troisième dans sa branche au Portugal), recherchant aussi le marché international.

Au début du siècle, on a assisté à une diversification de la production, car outre les usines lainières, trois usines de bonneterie ont été créés, résultant de la concentration et de la réorganisation d'ateliers artisanaux de chaussettes et de gants, activité traditionnelle dans la région, comme le tissage à domicile.

De 1940 à 1970, on assiste à une modification technologique, avec la substitution presque totale des métiers à main par des métiers mécaniques. La situation est identique dans toutes les régions lainières du Portugal qui essaient de rattraper leur retard par rapport à l'industrie du reste de l'Europe.

Cette industrie est cependant en crise, à cause du vieillissement de l'équipement, du coût progressivement accru de la matière première, de la concurrence des produits de coton meilleur marché, mais aussi à cause

de son incapacité à lutter sur le marché international, en raison de la faible qualité de ses produits. Il n'est donc pas étonnant que la bonneterie soit actuellement la branche la plus dynamique. De nouvelles entreprises ont été créées, qui sont en majorité familiales ou de moyenne dimension.

En cherchant à réagir au panorama futur peu favorable et grâce à l'aide de la Municipalité, s'est constituée, en 1984, une société à capitaux mixtes, la Ribeirapêra, qui se propose d'appuyer et de coordonner de nouveaux projets d'investissement (comme la création d'une usine de confection, déjà réalisée), afin de permettre l'absorption de la main d'œuvre libérée par la faillite des usines lainières et d'assurer en même temps un emploi aux jeunes.

L'intégration de ce «concelho» dans le «Programme Initiatives Locales d'Emploi» de l'OCDE, peut ouvrir de nouvelles perspectives au développement de cette région.

SUMMARY

Origin and evolution of a textile production center. The woollen industry in Castanheira de Pêra. — This region was privileged in the approach of woollen industry, considering its dominant activity, almost assuming a «mono» industrial character. In 1981, 72 % of the active population were employed in the secondary sector, and most of them were working in the woollen industrial field.

Basing in the industrial inurement of 1881, we can consider Castanheira de Pêra the third production center of the country (being Covilhã and Lisbon the first and second, respectively). At this time, its weak accessibility were largely compensated by low salaries, which permitted a certain prosperity. The production was destined essentially to the regional and national market, although Esconhais, the biggest factory in the region (being the third one in the country) looked equally for the international market.

In the beginning of this century, we assist to a diversification of productions: besides the woollen factories, three others are created, working on woollen articles, resulting from the concentration and organization of manual work in manufacturing socks and gloves, an activity related to domestic weaving, a tradition of the region.

From 1940 to 1970, a process of technological alteration is noted, with almost total replacement of manual weaver's loom by mechanical ones. Identical situation happened in all regions of woollen production, with an attempt to diminish the backwardness, separating them from European industries.

This industry is in a crisis, not only by the obsolescence of the equipment, the progressive raise in prices of raw materials, and competition of cheaper cotton products, but also by the incapacity of competing with the international market, due to the low quality of products. It is not strange that the subdivision of woollen clothing is now the more dynamical. New enterprises were recently created, although in the majority, family ones or of small dimension.

Trying to react to this less propitious future panorama, and by the Municipality's initiative, it was established, in 1984, the Ribeirapêra, a society of mixed capitals, with the purpose of supporting and co-ordinating new projects of investment (one of them the creation of a ready made factory), that will permit the reception of manual work, released by the closing of woollen factories, as to create employment for the youngsters.

The integration of this municipality in the «Program Local Initiatives of Employment», of the O. C. D. E., opens new perspectives for the development of this region.